

Capítulo 12

A Fresca Aragem da Noite



*”Um coração alegre faz o mesmo efeito dum bom remédio,
mas um espírito abatido torna todo o corpo doente.”*

- Provérbios 17:22 -

*”Ensina à criança o caminho por onde deve andar,
e quando for velho ainda continuará a andar por ele.”*

- Provérbios 22:6 -

Avô Mateus era um homem divertido e dinâmico. Sempre nos impressionou; muitas vezes com as suas qualidades, outras tantas com algumas surpresas. Por vezes estas surpresas revelavam qualidades até então escondidas ou esquecidas, e das quais a falta de oportunidade ou necessidade de uso haviam esbatido os contornos. Entre estas ocultavam-se insuspeitas qualidades musicais. Além do canto afinado dos hinos, não lhe conheciamos talento musical de natureza alguma. E foi por isso uma surpresa descobrir que noutros tempos ele tinha estudado violino. Era uma coisa do seu passado e não do nosso tempo, e por isso nunca tivemos o privilégio de o ver tocar violino ou outro qualquer instrumento. Excepto numa noite quando ainda todos sofriámos das maleitas da adolescência.

Por algum motivo, especial ou banal, surgiu a rara oportunidade de ir dormir a casa do Avô. Tal oportunidade era sempre um acontecimento fascinante, tanto pelo encantamento que a casa dele exercia em nós, como

pelo simples prazer companhia do Avô e dos outros primos. Significava que podíamos fazer barulho, explorar a casa e ficar acordados até muito depois da hora habitual de ir para a cama. Podíamos fazer quase tudo enquanto o Avô, na sua paciência ilimitada, fingia conseguir dormir. No entanto, houve uma noite em que o Avô decidiu juntar-se ao barulho que fazíamos num dos quartos.

Sentado ao nosso lado na cama, foi participando nas nossas conversas e brincadeiras, até que a sua atenção foi tomada por uma harmónica que por lá andava. Com os olhos fixos nela mas sem lhe tocar, o Avô começou por nos contar das suas lições de violino e disse que tinha aprendido a tocar harmónica na igreja.

Era algo de invulgar para se contar a um grupo de adolescentes com sérias tendências para a gargalhada incontrolável. Não foram precisos mais de cinco segundos para que alguém sugerisse ao Avô tocar, estendendo um braço determinado na sua direcção a oferecer a harmónica. Sem hesitações e sem timidez, o Avô alegremente aceitou o desafio e tentou o seu melhor. Teve até a gentileza de nos dizer à partida o hino que iria tocar, não fôssemos falhar na identificação. Introduções feitas, um breve hesitar em forma de prelúdio, um impulso decidido, e a música começou. . .

Ainda os primeiros sons ecoavam pelos recantos do quarto e já a insensibilidade da adolescência aplaudia a interpretação musical. Foram gargalhadas ingovernáveis que se arrastaram por tempo indeterminado, com um volume que conseguia abafar o som da harmónica. O Avô, persistente por natureza, manteve-se firme e continuou a sua actuação imperturbável e resoluta. Nós continuamos firmemente controlados pelo riso compulsivo. A coisa prometia ficar por ali, não fosse o pequeno contratempo da memória musical, adormecida pelos anos, começar lentamente a despertar. Pouco a pouco, o som da harmónica começou sugerir o tema musical do hino. A certa altura, as semelhanças já eram óbvias e a melodia continuava a melhorar. Aumentavam as notas acertadas na proporção inversa que diminuía o nosso riso. Atónitos e incrédulos, trocamos olhares confusos e arregalados, e o nosso ruído foi gradualmente dando lugar ao som da música. Acabamos surpreendidos e em silêncio a ouvir o Avô tocar o melhor que conseguia.

Assim que a música acabou, os nossos olhares voltaram a cruzar e, como que atingidos por um relâmpago, explodimos em risadas, uma vez mais sem qualquer hipótese de controlo. As nossas gargalhadas eram como que um *Prémio de Revelação* para o Avô. Dominados pela sensação de surpresa por aquela manifestação, já não nos ríamos mais dele, mas de nós próprios. Naquela noite, o Avô não conseguiu o nosso respeito como músico, mas fez crescer ainda mais a nossa admiração pelas suas qualidades desconhecidas.



O tempo foi passando e dormir em casa do Avô continuou a ser um acontecimento pontual. O episódio da harmonica estava a anos de distância para trás e o entusiasmo adolescente de dormir em casa do Avô tinha arrefecido, quando as circunstâncias da vida transformaram evento raro numa rotina. Foi uma época de mudança para o Avô que, pela força da lei do divórcio, deixava de partilhar a sua vida com a D. Adosinda. A separação, ainda que determinada pelo Avô, trouxe consigo o peso de algum desamparo e solidão, e a preocupação com o seu bem-estar e segurança levou a família a decidir que seria melhor alguém dormir lá em casa para lhe fazer companhia. Os netos que moravam umas portas mais abaixo, estavam na primeira fila de familiares a recrutar para esta tarefa. Nada melhor nos poderia ter acontecido naquela altura da vida.

Por rotina ou não, ir dormir a casa do Avô não deixava de ser emocionante, sobretudo em dias de semana. A euforia de deitar tarde antes de um dia de aulas intensificava a experiência, mesmo sabendo que bem cedo na manhã seguinte, ao tentar cumprir a impossível tarefa de sair da cama, esperava-nos um sorriso a lembrar a proverbial sabedoria do adágio ” *quem ciranda não pode madrugar.*” Mas nada nos demovia de continuar a fazer o mesmo, e os quinhentos escudos para o pequeno-almoço que o Avô nos deixava na mesa-de-cabeceira rápido exerciam um poderoso efeito contra o torpor matinal. E assim foi durante meses, em que duas ou três noites por semana lá íamos ficar com o Avô.

As boas memórias das noites em casa do Avô, só por si, seriam como outras tantas – um conjunto de recordações de momentos de alegria, aventura, audácia e pouco mais. Mas a verdadeira reminiscência daquelas noites não está no que fazíamos, mas naquilo que o Avô fez. Todas as noites, invariavelmente, ele chamava-nos ao seu quarto, onde deitado lia a sua Bíblia, iluminado pela luz quente e acolhedora do seu pequeno candeeiro da mesa-de-cabeceira. Estava tudo envolvido pela escuridão, excepto o Avô e a Bíblia, que pareciam abraçados pela luz. Sentávamo-nos aos pés da sua cama, onde confortados pelos macios cobertores de lã ouviamos o Avô ler um Salmo, ou outro qualquer trecho sobre o qual estivesse a meditar. Frequente pedia-nos para ler, o que nos familiarizava com as escrituras e desgastava aos poucos o sentimento de desconforto que o *Livro Sagrado* nos causava.

Após a breve leitura, deixava-nos sempre com um pequeno resumo, uma admoestação, um consolo ou encorajamento, o que fosse que o Espírito lhe falasse ao coração. Terminávamos invariavelmente com orações, primeiro

dele e depois nossas. Por vezes, quando nos alongávamos, o Avô cedia ao cansaço do dia e adormecia confortavelmente encostado às grandes almofadas nas costas da sua cama, não por aborrecimento, mas por contentamento. Adormecia satisfeito por sentir Deus próximo e se sentir próximo dos netos. Nós saíamos então furtivamente para não o acordar ou perturbar sequer a expressão de paz no seu rosto. *"Pois que Deus quer dar aos seus filhos o justo descanso,"** são as palavras do Salmista que guardo ligadas a essa doce imagem do Avô.

Depois de um dia cheio das habituais tolices da adolescência e dos ares turbulentos da aproximação da juventude, ter que refrear a língua e os pensamentos, avaliar as acções e palavras, era um exercício valioso. Identificar os erros e pedir perdão a Deus por eles era um esforço fundamental para avivar o nosso espírito. Aqueles momentos com o Avô eram como a suave e fresca aragem da noite, um alívio depois de um longo e abafado dia de Verão. Bem no início da nossa vida, quando os verdadeiros problemas e provações aguardavam tempos mais oportunos para se manifestarem, o Avô ensinou-nos a encontrar descanso e refúgio para a alma. Foram momentos com um tanto significado que ficaram inscritos na nossa mente como uma das memórias mais preciosas do Avô. Ao viver a sua fé e fazer-nos parte dela, ele ensinou-nos o caminho quando ainda éramos crianças, sempre na esperança de continuarmos nele até ao fim dos nossos dias.

*Salmos 127:2